

Fluxos e movimentos na Iniciação à Docência da UFRGS

Andrea Hofstaetter¹

Luciane Uberti²

Roselane Zordan Costella³

Este texto tem a difícil tarefa de introduzir o leitor no percurso intencional, experiencial e formativo que origina este livro. Isto porque se trata de apresentar a composição de um livro resultante das reflexões feitas durante o XIV Seminário Institucional do PIBID-UFRGS, ocorrido de 07 a 11 de agosto de 2017. Tarefa difícil, especialmente, frente à intensidade do que foi vivido e experimentado nas manhãs, tardes e noites do evento.

Os textos que compõem esta publicação são oriundos das atividades e dos debates ocorridos durante a realização do referido Seminário, intitulado *PIBID em movimento: trânsitos e mixagens na formação inicial e continuada da docência*. Neste Seminário foram oferecidas formações continuadas por todos os 19 subprojetos do PIBID-UFRGS, algumas em cooperação entre mais de um subprojeto. Além das formações continuadas, que ocorreram em forma de oficinas ou de debates sobre temáticas diversas e, ainda, em saída de campo e atividades especiais, foram proporcionados momentos de encontros e discussões em Rodas de Conversa e em uma Feira de Ideias. O Seminário foi aberto a projetos do PIBID e interessados de outras instituições de ensino superior, a estudantes de cursos de licenciatura, a professores das redes públicas e da rede privada de educação, bem como a interessados em geral.

Este Seminário nasceu do imaginário dos alunos bolsistas de iniciação à docência, foi pensado em conjunto com todos os subprojetos da universidade. O seu formato, portanto, foi definido por um grupo de trabalho de bolsistas pibidianos de iniciação à docência, junto à coordenação insti-

¹ Professora do Instituto de Artes da UFRGS, Coordenadora de Gestão do PIBID-UFRGS.

² Professora da Faculdade de Educação da UFRGS, Coordenadora de Gestão do PIBID-UFRGS.

³ Professora da Faculdade de Educação da UFRGS, Coordenadora Institucional do PIBID-UFRGS.

tucional e pedagógica do projeto. Importa destacar que muitas das atividades do evento foram planejadas ainda durante o ano de 2016. Por questões de ordem diversa, como falta de espaço físico e ocupação dos prédios da universidade, o evento foi prorrogado por duas vezes. Mas a beleza do planejamento coletivo e partilhado não tardaria a nos surpreender. E foi exatamente isso que ocorreu nesta semana de encontros de formação inicial e continuada de docentes.

Entre discussões, reflexões e temperos, provindos das diversas vivências, o desenho foi se reconfigurando ao longo de 2017. Intitular o evento de *Pibid em Movimento* significa, entre outras coisas, a vontade da continuidade do projeto, de manter o projeto em movimento. Referir-se a *trânsitos e mixagens* no subtítulo, às misturas e às correlações valida a diversidade e os diferentes modos de ver e pensar a escola. Este ver e pensar a escola sempre embebido pelo brilho dos olhos de todos que compõem o PIBID na universidade, para significar o cotidiano escolar.

Rememorar, recontar, registrar os momentos vividos é o objetivo deste livro. Tornar disponível ao acesso e à memória um pouco do que cada um viveu, o que cada momento do evento possibilitou, o que cada subprojeto pôde refletir e provocar nos participantes. E aqui eis o objetivo deste primeiro texto: circunscrever, ainda que minimamente, o que fizemos durante a referida semana de formação, detalhada pelos demais artigos que compõem tal produção.

Começamos pela abertura. A abertura estava repleta de camisetas pretas, cor que identifica o PIBID-UFRGS, carregadas de coração e valor, suor e dedicação. Um mar de pibidianos marcou presença e ouviu atentamente sobre os caminhos da educação por meio dos meandros que vêm sendo traçados nas perspectivas de governo atuais. Assistiram apresentações dos alunos da Educação Básica, ouviram atentamente as propostas e mergulharam no evento.

O Seminário que deu origem a este livro extravasou criatividade e trabalho, mistura de conhecimento com o poder de criação, até mesmo em ocasiões de confraternização, pois a pausa para lanche foi planejada minuciosamente. O Subprojeto de Artes Visuais provocou os participantes com dois momentos diferentes: um deles se chamou *Chá com arte*, em que foram oferecidos pães com pastas, preparadas pelos bolsistas, feitas de especiarias, de misturas de ervas, sabores e cores, e dispostas em aquários que, ao fundo, mostravam uma obra de arte. O momento foi regado com chás, igualmente preparados com dedicação e sensibilidade, misturando sabores, per-

fumes e cores às bolinhas de sagu que poderiam ser degustadas. O segundo momento proporcionado pelos subprojeto de Artes Visuais foi planejado para encerrar o Seminário. O grupo organizou e ofereceu o *Pipocando o Seminário...*, com pipocas nada comuns, pois também carregavam essências diferenciadas com sabores marcantes. As mesas foram postas de forma artística, convidando os participantes à reflexão. As experimentações possibilitadas mostrariam que as ideias movimentadas na semana do evento ficariam por muito tempo provocando o pensamento dos participantes.

Nas Rodas de Conversa foram tratados os temas: feminismo, educação popular, gênero e sexualidade na escola, cultura indígena e afro-brasileira, ocupação nas escolas, língua como instrumento de poder, escola na contemporaneidade e visualidade na contemporaneidade. Esses temas foram escolhidos pelos bolsistas de iniciação à docência, sendo considerados de importância para a atuação nas escolas no momento atual, pois tratam de assuntos que surgem durante a atuação na educação básica e nas comunidades escolares, emergentes nos contextos de atuação do projeto. Para cada tema, um grupo de bolsistas e coordenadores, não necessariamente do mesmo projeto, organizou um roteiro de discussões, preparando-se para debater o tema em forma de diálogo com todos os participantes inscritos. Cada grupo trouxe suas referências e experiências de abordagem do tema no cotidiano da escola.

A Feira de Ideias foi concebida como um tempo e espaço de compartilhamento dos saberes construídos pelos estudantes de licenciatura, bolsistas do PIBID e seus supervisores e coordenadores, bem como dos estudantes da educação básica junto aos quais atuam, no decorrer do trabalho de cada subprojeto e em seus processos de apropriação do fazer docente na especificidade de cada área de conhecimento e de cada disciplina. Nesta Feira, cada subprojeto apresentou aspectos de sua atuação e da fundamentação reflexiva de seu trabalho, dando a ver a forma de organização e desdobramentos de sua inserção nas escolas conveniadas. O resultado desses encontros mostrou o quanto é realizado em cada contexto de trabalho e o significado que os processos produzem para cada participante. Uma palavra que ajuda a traduzir o que foi visto, ouvido e experimentado nesta proposta da Feira poderia ser “encantamento”.

As formações continuadas também foram momentos muito intensos, em que foi possível abarcar muitas reflexões sobre o fazer docente e a aprendizagem, a partir de variados enfoques. Através dos títulos das formações é possível perceber a riqueza e a variedade de temas e abordagens. As

formações intitularam-se: A cor na educação – oficina teórico-prática de artes visuais (Artes Visuais); Com que imagens estamos construindo/desconstruindo nosso processo de desenvolvimento? (Artes Visuais); Educação e conflitualidades contemporâneas: violência, gênero, classe social, raça e etnia (Ciências Sociais); O mundo do trabalho e a educação de jovens e adultos: processos e retrocessos cotidianos (Pedagogia EJA); Leitura, letramento e gênero: uma relação entre teoria e prática ancorada na linguística sistêmico-funcional (Português); Letramento cartográfico – leitura e interpretação do espaço (Geografia); Educação para o sensível: tematizando direitos humanos nos anos iniciais (Pedagogia Anos Iniciais); Pelos territórios negros de Porto Alegre – Saída a campo (História); Da docência na iniciação da escrita: matemática, então? (Matemática); Degustação teatral: práticas lúdicas e jogos dramáticos (Teatro); Modalidades organizativas do trabalho pedagógico nos anos iniciais (Inter Sede); Tragédia de Mariana 2015: diálogos entre a filosofia, a química e a música (Filosofia, Química e Música); Pedagogia de projetos e experiências do PIBID em sala de aula na língua estrangeira (Espanhol e Francês); Vivências lúdicas e esportivas – aprendizagem e cidadania (Educação Física); Dança na escola: fazeres e desafios (Dança); O universo das ciências (Inter Vale, Biologia e Física).

Foi possível vivenciar, em algumas dessas formações, a integração de saberes e a construção de um olhar entrelaçado, entre diferentes campos de conhecimento, para abordagem de uma mesma questão problemática – de interesse para a educação, tanto na formação inicial de professores quanto na formação continuada e, sobretudo, para a formação na educação básica.

Os temas propostos dão a ver preocupações com questões sociais e com a formação da cidadania e do pensamento crítico. Dão conta de uma atuação consciente no âmbito das escolas-campo, apontando para a relação que existe entre a prática no contexto escolar e as reflexões que vêm sendo realizadas pelos grupos de trabalho em cada subprojeto e, dedutivamente, pelos cursos de formação de professores – as licenciaturas. Esta relação entre reflexão e ação remete ao pensamento de Paulo Freire, para quem

...a educação para a liberdade implica, constantemente, permanentemente, o exercício da consciência, voltando-se para si mesma com vista a descobrir-se a si própria nas suas relações com o mundo, tentando explicar as razões que possam esclarecer a situação concreta do homem no mundo. Mas isto não é suficiente. É importante salientar que a reflexão por si só não é suficiente para o processo de libertação. Nós precisamos da atuação, ou, por outras palavras, precisamos de transformar a realidade em que estamos inseridos. Mas, para transformar a realidade, para desenvolver a minha ação so-

bre a realidade e transformá-la, é necessário conhecer essa mesma realidade. Em função disto a minha práxis é, necessária e constantemente, a unidade entre a minha ação e a minha reflexão. (FREIRE, 1974, p.26)

Entre os objetivos do Seminário ressalta-se a intenção de contribuir para a criação de fluxos e movimentos entre diferentes pontos de vista, epistemológicos e conceituais, entre campos de conhecimento com histórias diferentemente construídas ao longo do tempo. Pretendeu-se proporcionar conexões, mixagens, mesclas, trânsitos entre as diferentes áreas e disciplinas da formação escolar, com o intuito de provocar movimentos e rearranjos produtivos e provocadores de novos pensamentos e ações. Dessa forma, também, foram criadas possibilidades de conhecer uns aos outros e sua forma de atuar sobre a realidade.

Entendemos que é somente através da conjugação de diferentes saberes que podemos compreender o mundo, a vida, os problemas que nos assolam no cotidiano ou nos maravilhamos com aquilo que nem sequer pensávamos existir... Entendemos, também, que é vital para a produção de conhecimento, tanto de cada área quanto do saber docente, a confrontação com o outro, com o diferente, com aquilo que causa estranhamento – ou com aquilo que soa familiar... E acreditamos que, cada vez mais, necessitamos nos aperceber da dimensão política e ética de nossa atuação, que só se concretizará na relação entre as pessoas e entre saberes diversos. De acordo com Edgar Morin,

...a única maneira de salvaguardar a liberdade é que haja o sentimento vivido de comunidade e solidariedade, no interior de cada membro, e é isso que dá uma realidade de existência a uma sociedade complexa. Portanto, a solidariedade é constituinte desta sociedade. O pensamento que une o modo de conhecimento se prolonga para o plano da ética, da solidariedade e da política. Há uma ética da complexidade que é uma ética de compreensão. (MORIN, 2006, p. 18)

As formações continuadas, as Rodas de Conversa e a Feira de Ideias, neste Seminário, constituíram-se como espaços de conhecer o outro, de compreender formas diversas de pensamento e atuação, de conjugar diferenças, de exercitar a solidariedade e o sentimento de comunidade, no sentido de unir forças para a elaboração de estratégias de atuação, de caráter transformador, sobre a realidade.

O Seminário proporcionou muitos momentos de aprendizagem e de afecções, sendo que cada um saiu dele com muito mais para trocar e buscar. O momento final do encontro foi uma grande festa, em que vários grupos se propuseram a apresentar algo de suas produções no decorrer do seminário.

rio ou de suas práticas reflexivas em movimento, num momento chamado de Invenções dos pibidianos. Neste momento, houve canto, dança, encenações, poesia e a celebração dos encontros e da vontade de seguir aprendendo uns com os outros. E seguimos, compreendendo que o ser humano é “uma rede de relações, [...] um movimento constante, fluxo de energia em processo de mudança” (SANTOS, 2003, p.116)

Podemos ler, nos textos que seguem e em suas entrelinhas, o quanto foi possível realizar trocas e provocações, abrindo brechas e levantando mais perguntas para pensar no trabalho e nos processos de construção da docência e de atuação na escola/sociedade. Nós nos construímos através do contato com o outro e conhecendo suas experiências e modos de lidar com as questões da educação e da vida.

O subprojeto teatro disserta sobre os encontros da tarde inaugural do evento no artigo intitulado *Escambo de ideias: ações performáticas colaborativas do Subprojeto Teatro*, de autoria de Aline Ferraz e Vera Lúcia Bertoni dos Santos. As autoras destacam a riqueza das trocas e das experiências vividas entre professores de teatro em formação e seus espectadores, aqueles que visitavam a sala do escambo, ao fundo do corredor do terceiro andar da Faculdade de Educação. Em tal sala, os *performers* ocuparam seus lugares previamente, dispuseram objetos e assumiram posturas para a interação pretendida. Da entrada pelo corredor, passando pela percepção, ainda distante, da iluminação reduzida na sala, às ações performáticas, propriamente ditas, dos bolsistas pibidianos experimenta-se e se experimenta. Enfim, as interações possibilitadas são narradas no texto, demonstrando a potência do fazer artístico. A abordagem das autoras faz reviver as sensações dramáticas lá possibilitadas, e ativa, ainda mais uma vez, as memórias reais ou fictícias lá experimentadas e dissemina sentidos para o diálogo com o outro.

No texto intitulado *Roda de conversa: visualidade na contemporaneidade*, Umbelina Barreto discorre sobre os diálogos e reflexões produzidos pelo grupo de licenciandos e professores de diversas áreas de conhecimento, presentes na roda de conversa sobre questões da visualidade na contemporaneidade, organizada pelo subprojeto de Artes Visuais e seus bolsistas. O diálogo entre os participantes traz a relação de diferentes campos com a questão da visualidade, sendo construídas, durante o mesmo, narrativas produtoras de sentido para a imagem: como texto a ser lido, como entrelaçamento entre espaços e tempos, como linguagem, como forma simbólica, produzida por diferentes sujeitos e de diferentes origens.

A imagem é forma de pensar, híbrida, não linear. Entrelaça-se com outras formas de discurso, é construída e desconstruída nas práticas hipertextuais experimentadas na cultura digital e nas relações entre culturas diversas. O grupo questionou-se sobre como apropriar-se da “espessura” de uma imagem, no sentido de fazer a leitura das camadas que a compõem, considerando que na contemporaneidade há uma intensidade tanto da presença de imagens quanto da presença, nelas, de camadas de sentido – das quais nem sempre se sabe a origem, a procedência ou a finalidade.

Outra questão discutida pelo grupo foi a presença e a potencialidade das imagens na aprendizagem. Ao mesmo tempo em que o excesso de imagens pode cegar o olhar, as imagens quando lidas proporcionam acesso ao invisível que as constitui. Há diferenças entre ver e olhar. E o modo como olhamos pressupõe escolhas de acesso à imagem e às suas camadas de sentido – que vão construindo sentidos, também, através da atuação intencional do olhar, em um processo de significação. Este processo tem a ver com o sujeito e com a cultura na qual está inserido. A visualidade pressupõe o corpo e tem papel ativo na aprendizagem. A imagem é sempre uma invenção que se abre à atribuição de sentidos e que nos atinge em nossa experiência vital, ressalta a autora. A visualidade não é questão somente do campo das artes visuais, mas de todas as áreas de conhecimento, que operam através do uso do discurso imagético.

A leitura de imagens também foi objeto de estudo e exercício prático na formação continuada proposta pelo subprojeto de Matemática, intitulada *Da docência na iniciação da escrita: matemática, então?* No texto desta publicação, *A leitura, a docência, logo... a escrita*, os autores Andréia Dalcin, Francisco Egger Moellwald e Lisete Regina Bampi relatam e refletem sobre as ações de ler, escrever, ensinar e aprender – desde um ponto de vista de professores e estudantes de Matemática, mas compreendendo a docência como ato de reinvenção constante. Propondo um diálogo entre o passado e o presente, tratando de prática docente e experiências escolares, partiram da análise sobre imagens fotográficas da primeira escola normal do Rio Grande do Sul, o Instituto de Educação General Flores da Cunha, fundado em 1869, e que é atualmente campo de atuação do subprojeto Matemática do PIBID-UFRGS. As fotografias, das décadas de 1940 a 1970, foram vistas como portadoras de indícios de uma história anterior e ponto de partida para discutir questões relativas ao papel da docência, da mulher e da escola no presente.

Foram utilizados também textos e excertos de textos de alguns autores, como Manoel de Barros, Clarice Lispector, Marcel Proust e José Sara-

magos, relacionados às discussões e à leitura das fotografias, para produzir entrelaçamentos e disparadores de uma escrita singular acerca da docência e do aprender. O fazer docente guarda uma analogia com o fazer artístico, em que cada ato é invenção de si e do mundo, apontando para aquilo que está imerso numa certa obscuridade. Importa saber olhar e enxergar algo através de brechas para possíveis devires.

A formação continuada do subprojeto Dança articulou-se como mesa-redonda, para a qual foram convidadas professoras de dança, atuantes na educação básica, em escolas da rede pública. As narrativas das professoras, sobre suas práticas na realidade escolar, serviram de mote para uma forma de leitura dos contextos de formação e de atuação dos professores de dança – componente curricular recentemente incluído nos currículos escolares e na formação de profissionais do magistério. Os cursos de Licenciatura em Dança são muitos recentes no Estado. Os tópicos destacados pelas autoras do texto *Dança na escola: fazeres e desafios*, escrito por Aline Rosa de Fraga, Caroline Turchiello da Silva, Carolynne Lima Vieira e Flavia Pilla do Valle, dão a ver parte das problemáticas desse campo da atuação docente. São eles: O mundo da escola não é o mundo das “bailarinas cor de rosa”, Brincadeira é coisa séria, Afetividade e Frustração.

O texto é rico em reflexões sobre as expectativas do estudante de licenciatura em dança diante da prática docente, sobre os mitos e preconceitos a respeito de quem escolhe fazer dança no contexto universitário e no contexto escolar, sobre as idealizações e frustrações presentes na formação e na atuação profissional do professor de dança, mas, sobretudo, na constatação a partir das práticas vivenciadas nas escolas da rede pública – vale ressaltar – sobre a importância e as contribuições que a dança produz na aprendizagem e nas relações interpessoais no âmbito escolar. A dança muda as relações com o próprio corpo, com o corpo do outro e com o corpo da escola. Inclui a dimensão do prazer e do afeto, constrói vínculos entre as pessoas e transforma e renova aqueles que a experimentam. A dança, assim como todos os outros componentes curriculares, da área das artes ou não, é extremamente importante para a formação do ser humano, tornando-o mais apto a ler o mundo e a produzir sentidos para as suas experiências.

Outra reflexão que se debruça sobre a construção da cidadania, tendo o corpo como o lugar, por excelência, da educação, é trazida pelos autores Clézio J. S. Gonçalves e Thobias Pleisniak no texto *Lúdico e Vivência Esportiva – Possibilidades de um exercício cidadão*. Este texto apresenta o objeto de estudo da oficina realizada durante o Seminário. Foi intenção dessa pro-

posta trabalhar com os conceitos de ludicidade, esporte e outros a eles relacionados, numa perspectiva de experimentá-los corporalmente, contribuindo para a ampliação da consciência corporal de cada participante. Pretendeu-se abordar experiência lúdica e vivência esportiva como “espaços de exercício cidadão e não apenas de submissão às regras capitalistas de produção”, conforme os autores.

O texto faz refletir sobre as formas de compreender o esporte, suas regras e características competitivas na vivência escolar, bem como os aspectos ligados à ludicidade e ao prazer que essas vivências proporcionam. Há alguns mal entendidos e mitos que devem ser questionados. A prática de esportes e as atividades corporais, que sempre envolvem as relações entre pessoas, vão se transformando culturalmente, não se constituindo como práticas imutáveis e descoladas daqueles que as praticam. Essas práticas estimulam a cooperação e criam laços entre os participantes, fazendo parte importante das aprendizagens para conviver socialmente e conhecer-se a si mesmo.

É papel da escola e dos educadores refletir sobre as possibilidades de convivência, sempre mediadas por arranjos e estabelecimento de “regras” aceitas por todos. A escola também educa para a vida e para tudo aquilo que é necessário no confronto com o outro e com os próprios impulsos. A educação sempre passa pelo corpo e por suas relações no laço social. É o que também nos faz pensar o texto de Rogério da Cunha Voser. Em *As atividades físico-desportivas aplicadas à criança: uma perspectiva pedagógica*, o autor descreve como o fenômeno esportivo infantil tem sido motivo de estudos e questionamentos na área da Educação Física. O texto argumenta que é preciso respeitar os princípios metodológicos que correspondem à faixa etária dos alunos, bem como ao ideário esportivo, qual seja, o de usar o esporte como um meio e não um fim em si mesmo. Por fim, o texto entende que é de fundamental importância o fato de as atividades físico-desportivas desenvolverem um trabalho educativo que aborde os aspectos humano, dialógico e integrador que lhes são próprios.

A educação para viver em sociedade, com atitudes de colaboração – portanto, envolvendo ética e política – é foco do texto produzido a partir da formação continuada dos subprojetos Francês e Espanhol. As autoras Débora Dias, Diana Rocha e Sandra Dias Loguercio trazem, no texto *Por que valorizar uma pedagogia da cooperação? Experiências pibidianas no ensino-aprendizagem de língua francesa*, a proposta a partir da qual atuam no Colégio Estadual de Ensino Médio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Trata-se de

uma metodologia de trabalho ou estratégia de ensino que fomenta a aprendizagem cooperativa. Com origem no contexto norte-americano, esta proposta vem sendo estudada e praticada pelos bolsistas do subprojeto Francês, sendo avaliada como muito apropriada para a promoção da integração social, da convivência com a diversidade, da interação entre os estudantes e professores de todas as etapas escolares e do respeito às diferenças.

No texto são apresentados o conceito de aprendizagem cooperativa e alguns exemplos de seu uso nas práticas escolares ao trabalhar com a língua francesa. São comentados alguns aspectos básicos que fazem parte dessa proposta, como a interdependência positiva, a responsabilidade individual, as habilidades cooperativas e o papel do professor. Também são apresentados dados de uma pesquisa com os participantes do subprojeto sobre os efeitos dessa forma de trabalho sobre sua atuação e sua formação. De maneira geral, os estudantes relatam que aprenderam muito, no sentido de compartilhar tarefas, contribuir com o grupo de trabalho, assumir a importância de sua participação e colaborar na realização dos projetos.

De maneira semelhante, ao relatar experiências com os estudantes da educação básica, constatou-se que ao trabalhar com esta estratégia de ensino foi possível um envolvimento muito maior dos estudantes com o objeto de estudo e uns com os outros. Depois de vencer resistências iniciais e esperadas, os grupos avançam na aprendizagem e melhoram a convivência, concluindo-se que as atitudes de cooperação e colaboração interferem de modo muito positivo na autoestima, no exercício da autonomia e no protagonismo dos processos de aprendizagem. É uma forma, também, de superar o individualismo e a exclusão. Não é a solução para todos os problemas de aprendizagem e de convivência, mas, nos dizeres das autoras, esta proposta “oferece alternativas para um ensino preocupado com a formação de cidadãos empáticos, abertos ao outro e responsáveis por seus atos e os efeitos destes para o coletivo”.

A participação de todos no Seminário Institucional *PIBID em movimento*, como o significamos, foi abordada de forma a rememorar e refletir sobre os importantes momentos vividos. O subprojeto Espanhol também colocou-se a pensar sobre a forma pela qual contribuimos formando docentes mais capacitados para a sua atuação. *Uma experiência pelo subprojeto Espanhol do PIBID-UFRGS: relatos e seminários*, de Monica Nariño Rodríguez e seus bolsistas de Iniciação à Docência, mostra a contribuição do PIBID na formação profissional e acadêmica do professor de Letras/Espanhol. No texto, a coordenadora de área e os bolsistas de iniciação à docência desta-

cam suas aprendizagens, apresentando reflexões sobre suas vivências. A reflexão proposta leva a concluir que é de fundamental importância a oportunidade dada pelo PIBID, ao aluno de graduação, de vivenciar, refletir, praticar, experimentar a realidade da escola pública desde o início do curso.

Mas não são poucas as perspectivas de análise que se mostram preocupadas com uma formação inicial de professores que esteja atrelada à realidade social e cultural dos alunos. O artigo de Lúcia Rotawa e Jane Naujorks, intitulado *O texto como elemento integrador da leitura, da escrita e da análise linguística – elementos orientadores em projetos Pibid-Língua Portuguesa da UFRGS* defende a pertinência do ensino da língua, e da linguagem e sua diversidade, que objetive a prática real de uso. Para as autoras, o ensino de língua deve ter como objeto as práticas pertinentes ao funcionamento de sua língua. As atividades propostas pelos pibidianos oportunizam aos alunos da escola pública uma experiência de aprendizagem estimuladora, ao realizarem atividades diversificadas com os textos em suas diferentes manifestações, tomando a língua do ponto de vista de sua funcionalidade.

O subprojeto de História realizou, durante o Seminário, a saída de campo Pelos territórios negros de Porto Alegre. Na publicação intitulada *Políticas Higienistas e o caso da Colônia Africana de Porto Alegre: o ensino de história pela análise de fontes no subprojeto História do PIBID-UFRGS*, os autores nos dão a ver uma proposta de aprendizagem realizada em uma das escolas de atuação. Guilherme Lauterbach Palermo e Manuela Perondi Pavoni apresentam de que forma trataram, em um projeto de estudos com quatro turmas de 3º ano do Ensino Médio, o conteúdo referente aos primeiros anos do Brasil República. Escolheram abordar o conteúdo por meio de projetos de higienização social, pensando em fazer, desta forma, a abordagem de outros temas correlatos, como “especulação imobiliária, segregação racial, a formação dos bairros das cidades, e demais processos constitutivos da sociedade contemporânea brasileira”.

Este projeto de estudos articulou-se em torno de ações que visam, também, a construção da cidadania e uma forma de atuação consciente sobre a realidade a partir da capacidade de interpretá-la e ler as camadas de sentido que sustentam imagens, narrativas e ações desencadeadas por agentes sociais, com menor ou maior poder. A proposta pautou-se pela “discussão das relações étnico-raciais e culturais e a crítica sobre os projetos de modificações urbanas das cidades”, analisando-se um caso específico de Porto Alegre. Os estudantes foram levados, através de uma documentação resultante de pesquisa sobre o tema, a olhar para uma certa realidade histórica e

a estabelecer correlações entre acontecimentos do passado e acontecimentos do presente, exercitando o olhar crítico e reflexivo.

Deste modo, puderam expressar seus pensamentos sobre aspectos da vida em sociedade e da convivência entre diferentes. Puderam refletir sobre a função da História, ampliando a compreensão sobre o fato de que não se trata somente de recordar fatos, mas sim de refletir sobre os significados destes fatos e acontecimentos e os reflexos de sua ocorrência e do modo como foram e são tratados, para a vida de todos nós, no presente. Para os autores, “é trabalho da disciplina de História fornecer condições para que os jovens possam refletir criticamente sobre suas experiências, e para identificarem as relações de outros sujeitos, ao longo do tempo, de lugares e de culturas diversas”.

No texto de Caroline Tavares Passos, Filipe Ferreira da Silveira, Daniela Pavani, Maria Cecília de Chiara Moço e Rosimeri Aquino da Silva, intitulado *Sexualidade: o que a Biologia tem a dizer?*, é apresentada uma discussão sobre questões de gênero e sexualidade do ponto de vista das ciências biológicas, das ciências sociais e da história da sexualidade. O texto traz uma visão fundamentada sobre a diversidade sexual na natureza, apontando variadas formas de exercer relações sexuais, com funções de procriação e de preservação de diferentes espécies animais, bem como de interferência das funções sexuais na convivência de bandos e grupos sociais.

A abordagem feita questiona o fato de que toda a diversidade sexual observada no decorrer da evolução das espécies de diferentes seres vivos deixa de ser apresentada nos materiais e livros didáticos, que só focam comportamentos considerados “normais”, tendo o ser humano como objeto principal de estudo. As escolhas do que apresentar aos estudantes da educação básica são demarcadas por definições a partir de um certo ponto de vista. Desta forma poderão contribuir para uma visão estreita sobre certos aspectos da sexualidade humana, a partir de falsas premissas, como por exemplo, a de que a homossexualidade ou a troca de sexo vão contra as “leis da natureza”. Observa-se, na natureza, vários casos de relacionamento homossexual entre animais e também a possibilidade de alternar a produção de células reprodutoras, entre femininas e masculinas. As próprias denominações de feminino e masculino são trazidas como convenções utilizadas para nomear cientificamente diferenças observadas, sem que haja uma hierarquia de valor entre as mesmas.

A sexualidade do ser humano é abordada a partir de uma síntese de sua história, desde os primeiros grupos e as primeiras civilizações que se

organizaram socialmente. O sexo foi visto e experimentado de maneiras muito diversas em diferentes contextos de vida e em culturas com características bem diferentes. Aquilo que para uns foi considerado “normal”, para outros teve sentido diverso. Vários aspectos da organização social e das relações de poder entre extratos sociais e papéis atribuídos às diferentes identidades sexuais interferiram, no decorrer desta história, sobre os modos de atuar, viver, sentir ou reprimir comportamentos sexuais.

Este texto pode nos ajudar a refletir sobre algumas das candentes questões que assolam nosso cotidiano, em que é necessário mais e mais refletir sobre a importância de exercitar e ensinar a solidariedade, o respeito e a compreensão para com o outro. O que as ciências propõem em relação às formas diversas de vivenciar a sexualidade nas sociedades e em seus estudos sobre a biodiversidade e o meio ambiente, é a preservação do equilíbrio e da liberdade de manifestações diversas, garantido o direito de expressão e convivência entre diferentes modos de ser.

O compromisso social na formação de nossos licenciandos aparece em toda a extensão do Seminário e nas mais diferentes áreas de conhecimento. A oficina interdisciplinar de formação de professores sobre a tragédia ocorrida na cidade de Mariana, no ano de 2015, foi descrita e analisada no artigo intitulado *Tragédia de Mariana 2015: Diálogos entre a filosofia, a química, a música e a biologia*. Produzido pelos professores coordenadores dos referidos subprojetos e alguns de seus bolsistas de iniciação à docência, a temática inicialmente abordada pelo subprojeto de Química despertou o interesse dos coordenadores dos subprojetos de Música e de Filosofia, seguidos pelo interesse de uma das coordenadoras do subprojeto Biologia.

No texto, os autores relatam o desafio de planejar o trabalho interdisciplinar, pois cada área precisou entender o conceito em sua operacionalidade, compreendendo no que cada uma das áreas poderia contribuir. Os autores destacam que se surpreenderam com as contribuições de cada área, especialmente, “ao percebermos o quanto os enfoques das quatro áreas sobre a temática escolhida estavam naturalmente relacionados e eram perfeitamente complementares e possíveis de serem organizados em um só conjunto de ideias”. Os quatro subprojetos ofereceram, assim, uma belíssima formação interdisciplinar, pois confiantes na possibilidade de contribuição significativa para a formação inicial dos licenciandos, assim como, para a formação continuada dos professores da Educação Básica participantes. Corroborando as assertivas dos autores do texto, afirmamos que ainda são poucas, raríssimas, as possibilidades de se vivenciar de forma tão prazerosa

e tão intensa um trabalho interdisciplinar comprometido com a formação integral do ser humano que reúne áreas das Ciências da Natureza, das Ciências Humanas e das Artes.

Percebe-se, no conjunto das narrativas sobre as atividades e reflexões possibilitadas durante o Seminário *PIBID em movimento*, as quais se pretendem circunscritas no presente livro, a intenção de contribuir com uma educação comprometida com uma vida mais justa, com uma educação abrangente, que envolva os sujeitos em sua integralidade, como sujeitos plenos, seres atuantes sobre a realidade e sujeitos inventivos, produtores de novas narrativas para a escola e para a formação docente, em todas as áreas de conhecimento e em todas as especificidades que delas fazem parte – relacionadas entre si.

“Que as coisas continuem como antes – eis a catástrofe!” (BENJAMIN, 1989, p. 491). É preciso reinventar-se a cada dia e construir novos modos de ser escola, de ser docente, de ser estudante... De relacionar-se consigo mesmo e com o outro, de praticar a solidariedade, a cooperação e a liberdade, com responsabilidade social e histórica. Nós, como professoras de ensino superior, formadoras de professores e coordenadoras do PIBID-UFRGS, acreditamos na força da educação para a dignidade da vida do ser humano e para a dignidade de uma nação. Não basta ter riquezas naturais e culturais. Somente um povo que valoriza a educação poderá crescer livre e forte, desenvolvendo todas as suas potencialidades.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Paris, capitale du XIX siècle**. Paris: Cerf, 1989.
- CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de A.; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. Porto (Portugal): Textos marginais, 1974.
- MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de; CARVALHO, Edgard de A.; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.